

**TNSJ**

TEATRO  
NACIONAL  
SÃO JOÃO  
PORTO





## E-nxada

Espectáculo de circo contemporâneo que remete para a ruralidade, a sua desconstrução e imaginário sob um ponto de vista urbano e contemporâneo. Investigação artística através da relação do corpo com o objeto em cruzamento com a instalação plástica, composição sonora e iluminação.

Partindo da ideia do trabalho original e primário e do seu lugar no espaço urbano atual, escolhemos um objeto que cava os tempos até hoje – a enxada. Símbolo de trabalho, de ligação entre o passado e o presente, de repetição e equilíbrio comuns ao circo contemporâneo.

Uma alusão poética ao trabalho da terra através de um objeto/alfaia ancestral que relaciona o homem com a paisagem. Partimos do ritual, do esforço e resistência, para simbolicamente apresentar um qualquer ciclo agrícola. Cavar, semear, germinar, regar e colher. Através da desconstrução da enxada aludimos ao espírito da

materialidade rural em contexto urbano, crescentemente imaterial/evanescente. Recordar as origens, a importância da agricultura na fixação dos povos e do seu desenvolvimento e a relação do homem com a natureza.

Dialéticas arcaicas/contemporâneas no território português em transformação acelerada. Onde fica o rural e para onde segue?

Um encontro entre duas estruturas de regiões diferentes, de contextos sociais, económicos e políticos distintos: a Erva Daninha, uma companhia de novo circo da cidade do Porto, integrada num contexto urbano cosmopolita, em diálogo com a Binaural/Nodar, uma estrutura da região de Lafões cujo trabalho incide sobre o experimental em contexto rural.

# Tempo. Labor. Ficção.

Samuel Guimarães\*



Medusa, Caravaggio (1598-99)

## Tempo

Como pode uma imagem carregar, em si, o tempo? Que relação existe entre o tempo e as imagens? Giorgio Agamben, ao colocar estas questões, remete para o tratado de dança de Domenico de Piacenza (c. 1390-1470): *De la arte di ballare et danzare*. Domenico enumera seis elementos fundamentais da arte: medida, memória, agilidade, forma, cálculo do espaço e *fantasmata*. Esta última, define-a do seguinte modo:

He de decirte que quien quiera aprender el oficio tiene que danzar por fantasmata, y ten en cuenta que fantasmata es una presteza corporal, determinada por el sentido de la medida, que es una facultad del intelecto [...], deteniéndote en el momento en que parezca haber visto la cabeza de la Medusa, como dice el poeta; es decir, una vez iniciado el movimiento, tienes que quedarte como de piedra en ese instante e inmediatamente has de alzar el vuelo, como lo halcón atraído por su presa, segundo la regla antes expuesta, o sea, aplicando el sentido de la medida, la manera con cálculo del espácio y el aire.<sup>1</sup>

A *fantasmata* seria assim uma súbita detenção entre dois movimentos, de tal modo que seja possível concentrar, na própria tensão interna, a medida e memória de toda a série (sequente) de movimentos.

Segundo Agamben, a memória não é possível sem uma imagem (*phantasma*) que carrega uma energia capaz de mover e perturbar o corpo. Esta operação que se rege pela memória e pelo treino é uma verdadeira articulação de fantasmas numa série temporal e espacialmente ordenada. A essência da dança seria, assim, não o movimento, mas o tempo. Aqui, o tempo é também, agora na caixa-quadrado do palco (ou no retângulo da praça), o tempo da co-experiência.<sup>2</sup> Público e *performers* não se comprometem só com o *que um quer dizer ao outro* mas sobretudo como ambos se excitam. Nas sequências com cabos, bolas / frutos, pás / sinos e baldes cheios de água espreita o risco (o perigo) que excita o espectador e o *performer*. Esta co-experiência “congela” espectador e performer num momento: *vai cair?*

Por um instante, redefinem-se papéis, de acordo com os fluxos de desejo que ambos, ali, co-experienciam. “Uma espécie de gerúndio.”

## Labor

“O labor do nosso corpo e trabalho das nossas mãos.” Hannah Arendt, citando John Locke, define labor do seguinte modo: “A palavra ‘labor’, como substantivo, nunca designa o produto final. O resultado da acção de laborar permanece como substantivo verbal. *Uma espécie de gerúndio.*”<sup>3</sup>

Segundo Arendt, o “labor” é intrínseco à condição humana e seria separável e distinguível de “trabalho”, já que este implica um produto final. Ao contrário do processo do trabalho que termina quando o objecto está acabado, pronto para ser acrescentado ao mundo, o processo do labor move-se sempre dentro do mesmo círculo, cíclico e repetido, prescrito pelo próprio processo biológico do organismo vivo.

## Ficção

Como em qualquer paisagem, o “eu” é colectivo.<sup>4</sup>

Heiner Müller

A enxada consta de uma lâmina de ferro e aço, cheia ou fendida – ligada ao olho em que entra o cabo e disposta obliquamente em relação a este, fazendo com ele um ângulo mais ou menos fechado. [...] O comprimento

do cabo varia mais conforme a natureza da terra e do serviço do que em função da dimensão da lâmina; mas ele é sobretudo ditado por *razões culturais* relativas à maneira de trabalhar.

A posição que um cabo curto impõe leva as populações que o usam a entender que só com ele se trabalha devidamente: ouvimos gente do Algarve – onde os cabos são curtos e portanto as pessoas trabalham curvadas – comentar depreciativamente uns cavadores do Minho *que viram na televisão* cavando de corpo direito (porque nesta província os cabos são mais compridos).<sup>5</sup>

O labor e as técnicas de manuseio de uma enxada são citados nos *números* e as tarefas dos malabaristas trazem também os fantasmas de uma ruralidade ficcionada que está mais próxima de nós nas hortas orgânicas, bio *trendy*, nas ovelhas que pastam junto de qualquer via de cintura interna ou nos campos de batatas que se encontram, logo ao virar de uma esquina, mais ou menos urbana, do que no que se convencionou chamar de campo ou ruralidade portuguesa. Segundo Álvaro Domingues, as ideias de perda da cidade e do campo extremaram dois imaginários: a boa cidade enquanto centro histórico e o campo enquanto aldeia típica. E estas duas coisas podem dar dois belos postais turísticos, mas não são a realidade, são ficção:

As marcas e as memórias do Portugal profundo vão-se decompondo com a *desruralização* e o seu rasto de efeitos colaterais: o despovoamento, o envelhecimento, o abandono da produção agrícola, o desaparecimento de certos estilos de vida, saberes e práticas culturais – o *interior*, no dizer mais frequente sobre estas coisas. Os poucos que vão ficando vivem de uma economia assistida entre pensões, reformas e poupanças ou remessas de familiares, e quem pode sai porque são escassos os empregos.

A miragem do bucolismo e dos paraísos perdidos é mais de quem está no exterior (do tal *interior*) e pensa que o rural e a Natureza são lugares para passar férias.<sup>6</sup>



Como um produto, os lugares, as paisagens e quem os vive são reduzidos ao perigo da imagem única (do postal ilustrado). No entanto, e de forma insistente, os valores do romantismo que atingem quer a “cidade” quer o “campo” subsistem de modo evidente nos discursos sobre a paisagem e também, coincidentemente, sobre o circo. Atente-se nos valores românticos da autenticidade, espontaneidade, na valorização do único, do original, tão assimilado nos resquícios do *malabarista* ou *artista de circo* como *fora-da-lei*, livre dos constrangimentos de uma sociedade, essa a que trabalha. Estas imagens, que se reproduzem hoje, foram produzidas já no século XIX e alastram como consequência da redução de tudo no mundo a mercadoria, o próprio mundo, as suas paisagens e, claro, o corpo incluído: o virtuoso seria a atracção, o *freak(show)* que fazia (e faz) aumentar as vendas. As companhias de circo americanas do século XIX conjugavam exactamente as estratégias do lucro, do virtuosismo e do excêntrico.

A propósito desta presença ainda latente de mitos por desmontar das artes do circo, Bauke Lievens<sup>7</sup> levanta as imensas potencialidades de ficção em relação ao designado novo circo, como possibilidade de paragem para reflectir e desmontar os mitos do malabarista e os seus “superpoderes”, ainda herdeiros das caravanas e das tendas, para um lugar a inventar, em que possam ser vistos como seres humanos que escavam e propõem formas para um lugar que lhes apetece, o de ousar ser irónico, triste, sério ou festivo.

1 Agamben, Giorgio (2010). *Ninfas*. Valencia: Pre-textos, 13-14.

2 Sobre o assombramento e os fantasmas da performatividade, ver Benjamin D. Powell, Tracy Stephenson Shaffer, “On the Haunting of Performance Studies”, *Liminalities: A Journal of Performance Studies*, vol. 5, n.º 1, 2009, 13.

3 Arendt, Hannah (2001). *A Condição Humana*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 108, sublinhado meu.

4 Müller, Heiner (2014). *Margem ao Abandono Material Medeia Paisagem com Argonautas* (trad. Regina Guimarães). Porto: TNSJ, Coleção Leituras no Mosteiro – 1, 22.

5 Oliveira, Ernesto Veiga; Galhano, Fernando; Pereira, Benjamim. (1995). *Alfaia Agrícola Portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 231, sublinhado meu.

6 Domingues, Álvaro (2011). *A Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora, 23.

7 Lievens, Bauke (2016). *The myth called circus*. [www.e-toetera.be](http://www.e-toetera.be). Em linha. Consultado 06.04.2016.

\* Núcleo de Educação Artística do i2ADS – instituto de investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

### Binaural/Nodar

Projeto cultural contemporâneo fundado em 2004, atuando na região de Viseu Dão Lafões, nas áreas da criação sonora/multimédia, documentação patrimonial audiovisual, educação sonora, criação para rádio, publicações e programação cultural. A Binaural/Nodar é membro ativo da Rede Tramontana de arquivos de memória de zonas rurais europeias, rede SoCCoS de residências artísticas em arte sonora, rede SUSPLACE de pesquisa multidisciplinar. A associação é ainda parte da recém-criada Rede Cultural Viseu Dão Lafões, conjuntamente com Teatro Viriato, ACERT, Cine Clube de Viseu, Teatro do Montemuro e Companhia Paulo Ribeiro. Recebeu, entre outras, as seguintes distinções: Prémio Miguel Portas de 2014; Projeto inovador escolhido pela Presidência da República no âmbito das comemorações do Dia de Portugal de 2014; selo CECEL de mérito cultural europeu do Conselho da Europa ao festival Paivascales #1, realizado em 2010 e 2011.

### Companhia Erva Daninha

A Companhia Erva Daninha tem como missão a criação de circo contemporâneo explorando o diálogo entre diferentes expressões das artes performativas. Centra-se na investigação de novas formas de fazer e apresentar circo, procurando elevar o virtuosismo a uma forma de comunicação de ideias e emoções. Nasce oficialmente em janeiro de 2006 pela mão de ex-alunos da ESMAE, integrando o movimento original da Fábrica da Rua da Alegria. A criação artística é o foco da companhia, contando já com mais de quinze espetáculos para palco, espaço alternativo e espaço público. A Erva Daninha tem-se dedicado também à formação e programação. Organizou a Corrente Alternativa – Mostra de Criações Incógnitas em 2013, em coprodução com o TNSJ, e o Trengo Festival de Circo do Porto em 2016 e 2017, em coprodução com a PortoLazer/Câmara Municipal do Porto. Atualmente, é estrutura residente do Teatro Municipal do Porto, no âmbito do programa de residências artísticas Campo Aberto.



### ficha técnica TNSJ

produção executiva  
**Eunice Basto**  
direção de palco  
**Emanuel Pina**  
direção de cena  
**Cátia Esteves**  
maquinaria de cena  
**Filipe Silva** (coordenação), **Adélio Pêra**,  
**António Quaresma**, **Carlos Barbosa**,  
**Lídio Pontes**, **Joaquim Marques**, **Joel Santos**,  
**Jorge Silva**, **Paulo Ferreira**  
luz  
**Filipe Pinheiro** (coordenação), **Adão Gonçalves**,  
**José Rodrigues**, **Nuno Gonçalves**, **Rui M. Simão**  
som  
**Joel Azevedo**

### apoios TNSJ



### apoios à divulgação



### agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto  
Polícia de Segurança Pública  
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

### apoios Erva Daninha, Binaural/Nodar



A Binaural/Nodar é uma estrutura financiada por



### agradecimentos Erva Daninha, Binaural/Nodar

Ashleigh Georgiou  
Maria Angelina Gomes  
Emanuel Santos  
Gilberto Oliveira  
Josefina Mota  
Pii Costa  
Vanessa Santos

### Teatro Carlos Alberto

Rua das Oliveiras, 43  
4050-449 Porto  
T 22 340 19 00

www.tnsj.pt  
geral@tnsj.pt

### edição

Departamento de Edições do TNSJ  
coordenação **Ana Almeida**  
design gráfico **Studio Dobra**  
fotografia **Susana Neves**  
impressão **Multitema**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

# E-nxada

direção artística  
e conceção plástica  
**Vasco Gomes**  
**Julieta Guimarães**

composição sonora  
**Luís Costa**  
desenho de luz  
**Romeu Guimarães**  
registo vídeo e fotografia  
**Liliana Silva**

interpretação  
**Jorge Lix**  
**Rodrigo Matos**  
**Vasco Gomes**  
**Cantares de Carvalhal**  
**de Vermilhas, Vouzela**  
(participação especial  
na sessão de 19 abril)

cocriação  
**Erva Daninha**  
**Binaural/Nodar**  
em coprodução com  
**TNSJ**

dur. aprox. 45'  
M/3 anos

**Teatro Carlos Alberto**  
**19-23 abril 2017**  
qua 21:00  
qui-sex 11:00+15:00  
sáb+dom 16:00

**estreia**



OTNSJ É MEMBRO DA



**ERVA DANINHA**  
compagnia

binaural nodar